

ESTUDOS/Índios

Entre a cruz, a espada e a educação

Índios e Jesuítas no Tempo das Missões (Cia das Letras) e A Conquista da Escrita (Iluminuras) relatam e analisam experiências resultantes da relação entre a cultura branca e a indígena

Emir Sader

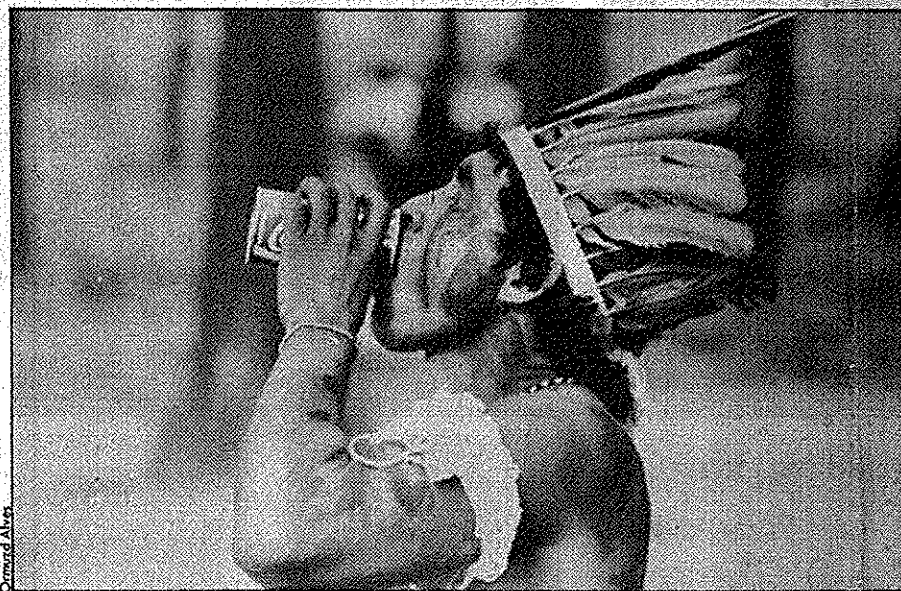
“Para que na América se salvem os índios e se cumpra a lei de Deus, que a cruz mande na espada”. Já em 1531 frei Bartolomeu de las Casas se preocupava em retirar as populações nativas do controle dos colonizadores brancos; nenhum dono de índio receberia absolvição na confissão, se dependesse dele.

Ao morrer, mais de três décadas depois, cego, com 92 anos, sentindo que havia perdido a batalha, escreveu carta ao papa implorando pelo fim das guerras contra os índios e dos saques que usam a cruz como álibi. Morto, um decreto real ordena a retenção de todos os seus manuscritos, incluída a história das índias, que foram recolhidas a um monastério.

As relações da cruz com a espada no Novo Mundo, entre luzes e sombras, tiveram nas missões dos jesuítas um de seus momentos mais altos e contraditórios. Os jesuítas defendiam os indígenas, “antes de mais nada contra os escravistas, os bandeirantes brasileiros”, como se recorda na introdução de *Índios e Jesuítas no Tempo das Missões* estudo feito pelo antropólogo francês Maxime Haubert. Do começo do século XVII até um século e meio depois — quando foram expulsos do continente —, construiu-se um imenso território autônomo das autoridades civis e eclesiásticas, com trinta cidades florescentes. Preservou-se assim a única sociedade indígena com seu desenvolvimento original, afastada do mundo colonial.

Mais de dois séculos depois, a experiência dos jesuítas nas missões continua servindo como paradigma para provar tudo e nada. Da força do Evangelho para “humanizar” selvagens às teses iluministas sobre o “bom selvagem”, foram utilizados os guaranis como exemplo da aplicação das propostas de plantação de Tomas More, de Campanella, de Monstesquieu e de tantos outros.

A experiência vivida por jesuítas e indígenas ficou escondida por detrás dos alegatos. Exercitou-se “o si-mesmo europeu” — Segundo Haubert —, inven-



Choque Cultural: Índio bebe coca-cola, em lata

tando personagens típicos que nunca existiram: “Os padres têm todos a alma tão uniforme quanto a batina”, enquanto os selvagens, reduzidos a figurantes, são bons ou maus. No seu estudo Haubert busca a reconstrução das experiências das missões, atribuindo “o papel principal aos métodos empregados pelos jesuítas para converter os índios às dificuldades que encontraram nesse empreendimento”.

A *Conquista da Escrita-Encontros de Educação Indígena*, textos publicados pela Operação Anchieta (Opan), refere-se a outro dos episódios das relações entre as culturas brancas e indígenas — estas no plano da educação popular. Na abertura do livro, recorda-se como o poeta naturalista maranhense Gonçalves Dias, enviado pelo império para avaliar as obras educacionais no Amazonas, chegou à conclusão de que se deveria utilizar o português nas escolas organizadas para as tribos indígenas. Combatia-se assim o nheengatu, a língua mais falada na Amazônia, que hoje está quase extinta naquela região.

Junto com o português e o abandono da língua materna, as populações nativas eram objeto de um contrabando ideológico e cultural, pelo qual se lhes passavam valores, visões de mundo e até mesmo crenças, elaborados e difundidos por outros povos — colonizadores, no caso.

A Operação Anchieta tem-se dedicado, nos últi-

SERVIÇO

■ *Índios e Jesuítas no Tempo das Missões*, de Maxime Haubert, Editora Companhia das Letras, tradução de Marina Appenzeller, 258 páginas, NCZ\$ 1.071,00

■ *A Conquista da Escrita-Encontros de Educação Indígena*, organizado pelos membros da Operação Anchieta-Opan, Editora Iluminuras, 313 páginas, NCZ\$ 2.040,00.

mos dez anos, à tentativa de equilibrar o ensino do português — como instrumento de defesa dos indígenas nos seus contatos com a sociedade externa

e a manutenção de sua identidade étnica.

O essencial do livro reside na apresentação dos materiais dos vários encontros da Opan, debatendo as experiências recolhidas nessas tentativas com as diversas tribos com que trabalham — dos ianomamis aos ticunas, do waimiri-atroaris aos bororos. A ação toda dos educadores está permeada pela consciência de que “a passagem de línguas não escritas para línguas escritas esteve marcada pela dominação”, de que não escaparam os jesuítas dos séculos XVI e XVII, protagonistas das experiências das missões, com a ressalva de que a língua guarani parece ter-se fortalecido, quando incorporou os documentos escritos e obras literárias impressas.

A experiência é recente demais, para poder resolver se a tentativa da Opan violenta ou fortalece as culturas nativas; a consciência do precário equilíbrio em que se movem vale como defesa para estragos irreversíveis. Essa experiência serve como base para o que esses educadores reivindicam como a tarefa mais urgente na área: a formulação de uma política nacional de educação indígena. Resta saber se a consciência que a noroeste teria a mesma preocupação da Opan com a preservação das culturas e idiomas nativos, ou se constituiria em mais uma arma do genocídio centenário contra as populações indígenas.

Emir Sader é sociólogo